

# Compreender as dificuldades escolares

A forma como se classifica um aluno pode ter consequências mais ou menos profundas. A imagem que construímos de determinado aluno tende a influenciar o meio envolvente, o próprio aluno e o seu processo de aprendizagem, contribuindo para formar expectativas positivas ou negativas sobre o seu comportamento. E num processo de avaliação escolar, os alunos são, regra geral, classificados de acordo com as suas dificuldades de aprendizagem.

Segundo Dulce Gonçalves, doutorada em psicologia educacional, docente e investigadora em matéria de dificuldades de aprendizagem, esta é uma visão estática que deve ser alterada. Na opinião desta especialista, aquilo que observamos num determinado momento de aprendizagem é específico e pode ter a ver apenas com uma fase.

**Uma nova visão.** Sabemos que as dificuldades de aprendizagem dependem do contexto social, cultural e emocional, entre outros, e daí a importância de não rotular os alunos. Estes são, muitas vezes, classificados com rótulos de dislexia, hiperactividade, agressividade, etc. A especialista propõe que se abandone este tipo de classificação, para nos centrarmos no tipo de dificuldades: funcionais ou disfuncionais, consoante a relação dos alunos com determinado contexto de aprendizagem. “Devemos acreditar que as dificuldades de aprendizagem são mutáveis e surgem associadas a algo transitório. Superar dificuldades pressupõe, antes de mais, acreditar na capacidade de mudança de qualquer pessoa”, refere a especialista. Embora grande parte dos psi-

cólogos atribua as dificuldades de aprendizagem às características pessoais dos alunos, independentemente do contexto de aprendizagem, Dulce Gonçalves propõe uma nova forma de en-

carar a questão. “Em vez de continuarmos a classificar os alunos consoante o tipo de dificuldades, é urgente reequacionar as dificuldades numa perspectiva construtiva e cognitiva. Uma dificuldade

disfuncional pode transformar-se numa funcional e vice-versa, pois depende sempre do contexto em que estamos inseridos. Podemos, em determinada altura, ter insucesso escolar numa área específica,



© Getty Images/ImageOne

mudar e encontrar uma outra para qual temos maior aptidão. Ou seja, as dificuldades podem servir para nos ajudar a encontrar novas oportunidades e áreas de investigação.

No entanto, existem ainda situações bizarras. Nalguns países, como os EUA, quando uma criança transita de um estado para outro, o diagnóstico pode eventualmente mudar se os critérios de um estado forem diferentes do outro. Não há, portanto, consensos. Noutros países, a classificação tem servido, infelizmente, para excluir muitos daqueles que têm dificuldades de aprendizagem.

Para dar um exemplo concreto, em Portugal existem turmas exclusivas de alunos repetentes ou com distúrbios de aprendizagem. Como se entenderá, este tipo de atitude ou não favorece a inclusão dos que dela mais precisam.

**Funcionalidade.** Em vez de dividir os alunos entre os que têm e não têm dificuldades de aprendizagem, Dulce Gonçalves propõe aplicar uma tipologia que divide as dificuldades em funcionais e disfuncionais. As disfuncionais são aquelas que nos bloqueiam, impedem de crescer, afastam da aprendizagem, limitam, penalizam ou desvalorizam.

Perante esta realidade, temos duas hipóteses: ou as dificuldades que encontramos nos bloqueiam, desanimam, destruturam e nos levam a pensar que nada valemos ou, pelo contrário, nos levam a ter mais força, a esforçarmo-nos mais e a revelar o nosso potencial.

Tu do isto depende basicamente das características pessoais de cada um, da sua personalidade e do contexto em que está inserido. Ou seja, a mesma pessoa pode, em diferentes áreas e situações, agir com funcionalidade ou não.

Neste contexto, crenças e concepções pessoais sobre que tipo de aluno é cada um e o que é aprender irão definir se uma dificuldade é funcional ou disfuncional. O

que favorece uma dificuldade disfuncional é o facto de o aluno estar desmotivado, com baixa auto-estima, pouca resistência à frustração, falta de capacidade de auto-regulação, expectativas muito elevadas ou reduzidas sobre a sua própria capacidade de aprender, experiências de insucesso repetido, impulsividade, etc. Pelo contrário, o que favorece a funcionalidade é o facto de os alunos acreditarem em si próprios e terem uma atitude positiva face à aprendizagem.

**O peso das expectativas.** “Todo o meu esforço é para que não haja classificação de pessoas. A partir do momento em que classificamos um aluno como tendo dificuldades de aprendizagem, diminuímos a probabilidade de ele as superar”, reforça esta psicóloga. Existe um estudo, o Pigmaleão, em que se fazem análises comparando as diferentes expectativas de professores em relação aos alunos, em duas turmas equivalentes, com alunos com o mesmo QI, condições socioeconómicas, nível etário, etc. O teste consiste em transmitir aos professores diferentes mensagens e expectativas sobre as duas turmas. Afirma-se, por hipótese, que a turma A é excelente, cheia de alunos brilhantes e com imensas competências, e que a turma B está cheia de alunos com dificuldades, limitações e insuficiências.

Verificou-se, no final do ano, que o resultado de ambas as turmas era idêntico à imagem criada junto dos professores. Dulce Gonçalves explica: “se criarmos junto de um professor a expectativa de que o aluno consegue chegar a determinado resultado, ele irá criar desafios e situações pedagógicas que permitam aceder a esse resultado. Se, pelo contrário, criarmos a expectativa de que determinado aluno não passa do nível 10, os professores vão baixar a fasquia e desinvestir de tal forma que, de facto, a maior parte das vezes o próprio aluno se irá acomodar

a obter esse fraco resultado. Se crio no professor a expectativa de que determinado aluno tem dificuldades de aprendizagem, a escola, em vez de o apoiar, aca-

### “Superar dificuldades pressupõe, antes de mais, acreditar na capacidade de mudança de qualquer pessoa.”

Dulce Gonçalves, especialista em dificuldades de aprendizagem

ba por fazer exactamente o contrário, razão pela qual o resultado escolar acaba por confirmar o diagnóstico.”

**Mudar mentalidades.** Conforme afirmam alguns grandes teóricos, como Piaget, o processo de aprendizagem é algo difícil e tão mais difícil quanto maior a profundidade e qualidade dessa aprendizagem. Aliás, se olharmos para a história da humanidade, muitas das grandes descobertas científicas são fruto de inúmeras dificuldades de aprendizagem, que se revelaram, mais tarde, grandes oportunidades. Um cientista esperava um resultado e encontrou o oposto. Encontrou uma dificuldade, foi mais longe e descobriu uma nova teoria. Hoje, associado ao tipo de mentalidade, imediatista e hedonista, as dificuldades de aprendizagem surgem como obstáculo e algo a combater. “Como se aprender pudesse ser fácil e rápido!”. É uma visão errada, que além de criar falsas expectativas, cria a ilusão perversa de que só os menos inteligentes, pouco ágeis e sem habilidades se confrontam com dificuldades de aprendizagem”, explica Dulce Gonçalves.

**Tarefa do professor.** Muitos professores têm concepções erradas sobre as dificuldades de aprendizagem, que são ainda, muitas vezes, vistas como uma doença, um problema estrutural, psicofisiológico ou neuropsicológico. É importante que os alunos tenham a possibilidade de serem avaliados sob formas diferentes e em diferentes tarefas. Se, por exemplo, um aluno escreve mal, o professor deverá descobrir actividades em que esse aluno possa usar de forma positiva a sua escrita. Para além disso, deve ser incentivado a continuar a escrever, ou aumentará as suas dificuldades. Ou seja, devemos descobrir em cada actividade os aspectos que podem estimular as aptidões dos alunos. Os professores podem tentar repensar o que é aprender e o que são dificuldades de aprendizagem. Numa perspectiva optimista, os alunos devem ser, desde cedo, habituados a enfrentar dificuldades, desafiando-se continuamente. “Em vez de encarar as dificuldades como um mal, a escola deve estimular o confronto com os erros e as dificuldades. É essencial introduzir os problemas como situações naturais no processo de aprendizagem”, sublinha Dulce Gonçalves.

Devemos encarar as dificuldades como oportunidades e desafios e, em vez de considerar que nos limitam e esmagam, aprender a encará-las como algo positivo. Se os professores caírem no erro de banir sempre as dificuldades de aprendizagem, estarão a retirar todas e quaisquer oportunidades de crescimento real e de desenvolvimento intelectual. Se, pelo contrário, professores e alunos julgarem que o melhor é não haver problemas nem dificuldades, que a aprendizagem deve ser fácil, deixaremos de ter possibilidade de aprender algo interessante. ✕